

Pobres museus brasilienses

Mofo, sujeira e insegurança são os principais problemas dos espaços. Acervo é milionário

FERNANDO RODRIGUES

MALU PIRES

"É de dar pena." A frase do *merchant* brasileiro Errol Flynn resume a situação dos principais museus do Distrito Federal. Na semana em que o Ministério da Cultura inicia as comemorações do Ano Nacional dos Museus, mofo, poeira, falta de segurança e de mão-de-obra especializada são a tônica nessas instituições. Uma simples visita ao Museu Histórico e Artístico de Brazlândia, ao Museu Vivo da Memória Candanga ou ao Museu Histórico e Artístico de Planaltina (veja matéria na página 11) atesta essa situação.

O Museu de Arte de Brasília (MAB) é o mais completo exemplo da situação: tem um acervo milionário que padece de condições franciscanas de exposição, conservação, segurança e gestão. A dedicação heróica dos funcionários não consegue esconder a enorme precariedade. O acervo tem 1.100 obras catalogadas, entre pinturas, gravuras, desenhos, fotografias, tapeçarias e esculturas.

"Cerca de 400 obras têm renome nacional e internacional", assinala a gerente do museu, Marta Padilha de Benévoli. Ali, há obras assinadas por Iberê Camargo, Fayga Ostrower, Thomie Ohtake, Cláudio Tozzi, Stockinger, Volpi, Burle Marx, Aldemir Martins, Antônio Poteiro e Athos Bulcão, entre outros.

VANDALISMO - Brasília está representada por Francisco Galeno, Glênio Bianchetti, Ralph Ghere e outras estrelas da arte brasileira, uma constelação "que faria a alegria de leiloeiros e colecionadores", assinala o artista plástico Lourenço de Bem. Tanto ele, como o pintor Wagner Barja, ou a gerente do MAB, Marta de Benévoli, não escondem que não há segurança no museu contra vandalismo, furto ou roubo do acervo. "Isso não ocorreu porque Deus não deixou", diz Lourenço de Bem.

Não há circuito interno de TV nem sensores de presença. Nada de catracas eletrônicas, detectores de metal ou identificação com as fotos dos visitantes. Apenas um vigia armado responde pela segurança do rico patrimônio e dos cinco funcionários.



O Museu de Arte de Brasília (MAB) tem 1.100 obras em condições ruins de exposição, conservação e gestão. Nada que abale a gerente, Marta Padilha de Benévoli. Ao lado, uma observação de Iberê Camargo numa de suas obras, denominada *Signos II*: "Este quadro custou ao pintor duas costelas quebradas"